

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Já eu vos disse, leitoras, no domingo passado, que não haveria nesta semana assumpto para um artigo como o que costumamos offerecer-vos, pois que a época é toda dedicada á commemoração da historia sagrada do Calvario. A semana antecedente a esta foi, como sabeis, pouco fertil em reuniões dançantes; não obstante ter havido grande numero dellas na sexta-feira em muitas casas das ruas por onde tranzitou a procissão do Triunpho, que se fez com pompa e magnificencia. A belleza da tarde permittio a numerosa concurrencia de pessoas de todas as condições. Sabemos tambem que houverão, no domingo de Ramos, alguns passeios para os arrebaldes da cidade onde se gozou todo o encantamento de um bello dia.

Nesta tarde houve grande concurso de familias no Passeio Publico, onde o brilhante luar as deteve até depois de nove horas da noite: e nas noites seguintes a lua tem motivado ali uma luzida e poetica affluencia.

Na noite de terça-feira uma pequena companhia, havida occasionalmente em uma nobre casa da rua do Lavradio pela reunião de algumas visitas, foi extremadamente agradável, pois que deuse a circumstancia de se reunirem inesperadamente umas poucas das mais interessantes e lindas senhoras da nossa mais escolhida sociedade.

Ainda quiz o acaso que na noite seguinte se

reuniram algumas pessoas em outra nobre casa da rua de Mata-cavalllos, onde se ouvirão brilhantes vozes na execucao de escolhidos pedaços de operas italianas.

Na quinta e na sexta-feira estiverão todos os espiritos dedicados á veneração da Cruz e dos martyrios de Jesus-Christo.

Apezar do tempo se ter tornado chuvoso, não deixou de ser bastante concorrida a visitaçao das Igrejas: Suas Magestades Imperiaes porem virao-se obrigados, por esse motivo, a deixarem de percorrer, como costumão, a pé algumas ruas e visitar os principaes Templos limitando-se unicamente a irem ao Carmo.

Os lava-pés fizeram-se com a pompa costumada e recitarão-se em algumas Igrejas brilhantes sermões.

Na sexta-feira Santa, continuando a chovisar e estando o tempo ameaçador, a Ordem Terceira de S. Francisco de Paula animou-se, não obstante, a fazer sahir a sua procissão do Entero, com todo o apparato e brillantismo, a qual viu-se obrigada a limitar o seu giro e recolher-se já debaixo de bastante agua, não deixando, por isso, de haver pelas ruas do seu tranzito numerozo concurso de fideis de todos os sexos. Tendo cada vez ido a peor o tempo não foi possivel que sahisse a do Carmo. No sabbado, enfim, o repique dos sinos, os foguetes e as vozerias ou-

vidas ao primeiro signal da Alleluia, como que espalharão a alegria na cidade que se havia conservado desde as Trevas em religioso recolhimento.

A rua do Ouvidor foi a que mereceu maior frequencia. Ahi se notarão as confeitarias ornadas com extraordinario luxo, e concorridas por immensa gente. A nova loja de modas ultimamente aberta, denominada — *Noire Dame de Paris* — chamou a attenção publica, e teve sempre á porta não poucos curiosos na apreciação do bom gosto e elegancia com que se acha preparada. Quatro lampões de-gaz accesos exteriormente, além de um tubo contendo muitos bicos circulando as janellas do sobrado, tornão a rua tão clara como se fosse dia. O recinto da loja é illuminado por muitos lampões, e por vinte quatro bicos de gaz que se notão em quatro lindas serpentinas aos lados de dous magníficos espelhos. Foi muito apreciada a riqueza das fazendas apresentadas nas vidraças, e louvado o gosto e elegancia dos mostradores. Não podemos deixar de convidar-vos a ir minuciosamente examinar esta nova fornecedora dos *toilettes* mais delicados.

Não fecharemos este artigo sem dar-vos noticia do lindo cofre de joias da rua do Ouvidor n. 84.

Esse talisman de perolas, esmeraldas e diamantes, delicadamente dirigido pelos Srs. Carlos Valais e C. foi pelo ultimo vapor da Europa enriquecido das mais valiosas e distinctas peças de pedras raras, delicados esmaltes e finissimo

ouro polido, que podem fazer humanas mãos habilmente amestradas nas parisienses officinas de ourives da primeira qualidade.

Um sumptuoso e lindissimo sortimento de brucos, bixas, memorias, *broches*, medalhas, pulseiras de um admiravel trabalho, flores, diademas, collares e cruces de perolas e brilhantes, encontrareis em tão estofado sortimento que vos satisfará todã a vossa curiosidade, completando o mais caprichoso desejo de possuir uma joia de bom gosto e de subido valor.

Eis ahi, leitoras, quanto posso narrar-vos de toda a semana passada. Entrar em descripções detalhadas seria talvez pouco agradável para vós, que sem duvida vistes tudo quanto aqui vos annuncio.

Entretanto é possivel que em minha succinta narração haja eu omitido algum facto que não tenha chegado ainda ao meu conhecimento no momento em que escrevo, e do qual prometto occupar-me no proximo domingo: mas, para compensar esta falta involuntaria, dou-vos uma noticia tanto mais importante quanto é ignorada, e cuja realisação deve marcar uma época distincta nos fastos da sociedade fluminense: é a seguinte. — Talbert, o primeiro piauísta do mundo actualmente, vem ao Rio de Janeiro, e achar-se-ha entrẽ nós dentro de tres mezes, depois de haver dado concertos em Vienna, donde deve ter partido para Paris e Londres, onde embarcará para a America.

Alina.



DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUÁRIO DE ESTAR EM CASA. — Vestido de nobreza, saia lisa, corpo de *basquine* afogado, enfeitado de veludinho e botões, sob-mangas e gola de renda valenciana.

Penteado de fitas.

VESTUÁRIO DE BAILE. — Vestido de nobreza

branca coberto de uma saia de filó enfeitada de cinco ordens de fofos de filó regassados por lacinhos de fita de nobreza lisa; cabeção redondo coberto dos mesmos fofos e lacinhos.

Corpo de bico adiante e atrás.

Penteado de flores cor de rosa.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 15.)

SEGUNDA PARTE.

I.

S. Vicente Ferrer.

Quando esto oyó...
De rodillas se hincava
Alzó los ojos al cielo
Las manos puestas hablava
ROMANERO.

Afortunados seculos aquellés em que nascem santos.

De tempos a tempos, como os Alexandres e os Cesares, vem ao mundo os heróes da religião. A' medida que nos afastamos do século em que viveu Jesus, a fé entibia-se, as recordações do seu exemplo vão-se desvanecendo, e o mundo abandonado, que nem teme nem espera, passa da duvida á impietade, e do atheismo á perversão. A voz dos apóstolos antigos não chega á nossa idade, e confunde-se com o revolver dos tempos. Como uma tradição vai perdendo de boca em boca a sua verdade primitiva, assim

as sublimes doutrinas do grande Martyr vão-se alterando de geração em geração, e chegou ao decimo quinto seculo, adulteradas pelo ritos de Mafoina, e as predicções dos hebreus. Os proprios doutores da Igreja, com o exemplo da sua mundana vida, da sua cobiça e egoismo, relaxão o severo dogma, e attrahem sobre a Igreja o desprezo dos povos, que, com sua ignorancia, recorrem a mahometanos e judeus para ter uma creença, que em despeito lhes arranca os falsos ministros do verdadeiro Deus. E' assim que Mahomet o *canhóto*, conseguiu fazer tremular o estandarte da meia lua nas torres de Granada; e assim que o rei de Tunes entra pelas fronteiras andaluzas, e assim se apodera Mafoina dos templos, roubando ao christianismo metade das suas almas. Por outra parte invade Castella uma multidão de judeus, cujo saber attrahe os espiritos singelos, fazendo mais estragos na catholica grei, que os alfanges dos mouros. Tudo isso tñhlo trazido á christandade os horrores do reinado de D. Pedro I. Ao pvo, que tinha séde de religião, saciou D. Pedro de sangue. Se havia de ser piedoso para serenar os animos, foi cruel para endurecer os corações, e semeou o terror entre os seus vassallos. Muitos feitos do grande monarcha julgáráo distinguir os historiadores no reinado de D. Pedro I, e de sobra respeito eu o saber dos historiadores, para que me resolve a escrever uma dissertação fundada sobre as minhas opiniões singulares; seja-me, porém, permitido declarar, que a minha qualidade de mulher me dá direito de aborrecer o verdugo de D. Branca, e o amante da Padilha. D. Pedro, malvado por instincto, justo por calculo, vingador por crueldade, generoso por inconsequencia, é um rei original, mas não é um grande rei. Na historia natural dos máos reis deverá occupar o lugar de uma fera, que não se parece com as outras feras, mas que nem por isso é menos horrivel que as demais. A tyrannia de Pedro I, a sua crueldade com as mulheres, as suas luctas contra seus irmãos, e sua espantosa morte, erão o escandalo da humanidade em 1369. Tristes tempos aquellos em que vivem tyrannos!

Naquelles tempos, comtudo, veio um apostolo á Hespanha, Catalunha, Valencia, Murcia, Granada, Andaluzia, Leão, Castella, Asturias e Aragón, fallava com admiración de um sublime missionario que atravessava a pé os campos e as cidades, e se detinha nos templos a cantar a palavra de Deus. A' sua passagem apinhavão-se os povos, as massas formavão como um só ouvido para escutar o que dizia aquelle sabio prégador que vinha a regenerar a fé. Os soberbos sentião-se humilhados, os humildes cobravão animo, os infieis tremião e convertião-se, e os fieis choravão de gratidão e de felicidade. Nesta missão corrêráo bastantes annos, e os reinados de tres reis, Henrique II, Henrique III e D. João II, sem que o apostolo se houvesse cansado de prégár a palavra divina. Tres cabeças havião vergado debaixo da corôa real, enquanto a cabeça de Vicente Ferrer sustentava a corôa do sacerdote. Em Toledo estava este consolador dos desgostos humanos, este fiel guia, este pro-

ceptor espirital, quando chegou o príncipe D. Henrique. Acurvado pelos annos, debilitado pelas fadigas das suas peregrinações, pungido pelas dores phisicas, e o espirito devorado pela febra da caridade e do amor divino, Vicente pertencia mais ao céo de que á terra.

Em uma casa escura, velha, humida e nua, que ha seculos se sustentava encostada ás muralhas, era aonde habitualmente vivia Vicente Ferrer. Um quarto, com o tecto arruinado, as paredes fendidas, e cujas janellas de estylo arabe, de columnas ao meio, davão para a veiga, era o que havia escolhido para seu dormitório, e no qual se havia tambem recolhido um casal de aves nocturnas, attrahidas do solitario do sitio, do silencio que alli reinava sempre e obscuridade. Uma poltrona de ebano, presente do arcebispo, servia-lhe de leito. Toda a mobilia consistia nesta poltrona, n'uma pobre mesa carregada de livros, e n'um tinteiro de louça.

Achava-se neste momento recostado na poltrona com as mãos cruzadas, e os olhos virados para a veiga. A atmospherá de Toledo, coberta pela nebrina, fazia parecer ainda mais tristes as margens do Tejo. As arvores assemelhavão-se a um exercito de phantasmas; e o deslizar melancolico do rio penetrava como um gemido pelas estreitas janellas, e este e o das aves aninhadas no tecto, erão os unicos arruidos que cortavão o silencio daquella habitação. O rosto do santo, tão formoso outr'ora, assemelhava-se hoje á cortiça de um velho alamo branco comida dos insectos; as faces tinha-as cavadas; a boca como as fendas de um rechedo; conservava os labios immoveis e afilados. Só em seus olhos se havia conservado um resto da sua belleza angelical. Aquelles olhos amorosos e suaves não tñhlo perdido ainda o fogo extraordinario que a fé mantinha no seu coração. Porém o seu olhar é hoje languido e humido, por seus exstasis mais que nunca doloroso e ternu.

Assim recebeu o arcebispo de Toledo. Levantou-se com mais presteza do que permittia a sua idade, e esperou de pé que fallasse o prelado.

Grave era o negocio que tinha de resolver, segundo a explicação do arcebispo. Um nobre tinha casado com a mulher de seu filho, crendo que este havia morrido. Apareceu o filho, e S. A. el-rei D. João II agurdava a decisão da Igreja para desfazer uma das bodas. Meditou o sabio, e depois deu ao arcebispo uma breve e sabia resposta: « O Marquez de Vilhena deve ser o esposo de D. Iñez. »

Franziu o arcebispo os sobrelhos, amarrotou os pergaminhos que trazia, e redarguiu:

— A vontade d'el-rei é outra.

Uma chamma de indignação incendiou por um instante os olhos do santo; porém apagou-a um olhar humilde que dirigiu ao céo. Sabiu o arcebispo, e o sabio tornou a sentar-se na poltrona.

O príncipe D. Henrique appareceu depois.

— Sois vós, exclamou levantando as mãos ao céo, sois vós, o rebelde filho que veio perturbar a paz de nossos muros com o grito de sedição? Entrai, desgraçado, proseguei, vend-

que o príncipe ficára como petrificado junto da porta, entrai. Háveis mister de piedade, porque estais perdido? Ah! que fizestes! Tão jovem, e já vejo nessa fronte o selo do crime! Sois criança ainda, e já quereis ser um malvado!

O príncipe estremeceu ao ouvir estas ullimas palavras, e recobrando a sua natural arrogancia, disse:

— Não vim a pedir conselhos, senão a dar ordens.

Sorriu-se Vicente, de compaixão, e replicou:

— Então podeis retirar-vos, porque aqui não ha escravos. Aqui não ha mais doque um servo de Deus, e um subdito d'el-rei.

— Julgava que podia contar convosco, que sempre me haveis estimado; tornou o príncipe com voz branda, observando a firmeza do frade.

Este não respondeu.

— Contra com a vossa eloquencia, padre, para excitar os castelhanos a sacudir o jugo de D. Alvaro. Eu não queria ser nem criminoso nem malvado, senão libertador do reino.

O frado tornou a sorrir-se, e guardou silencio.

— Padre, continuou D. Henrique com rias energias. Já é tempo de pôr cubro à ambição de D. Alvaro. Sabeis o que é D. Alvaro? duque de Trujillo; conde de Santo Estevão, de Gómac, condestavel de Castella, e será mestre de Santiago. Mas, que digo? D. Alvaro é tudo. D. Alvaro é o verdadeiro rei. Padre, respondei, não tenho eu razão para indignar-me!

E o santo não respondeu.

— Padre, fallai, por Deus! se soubesseis as humilhações porque elle me tem feito passar!

— Basa, disse com severidade o sabio. Essas humilhações, e não a defesa do reino, são a causa que vos obriga a levantar contra o vosso rei e vosso pai o estandarte da rebellião. Se me declarasseis a vossa affronta sem dizer os títulos do valido, tivera-vos respondido antes. E assim, vós, uma criança, quereis para vingar o vosso orgulho ferido, orrojar o reino no abysmo da guerra civil! Quão digno sois de commiseração!

— Padre, redarguiu o príncipe irritado, a minha causa é justa, e confio em Deus que me ha de ajudar a levar-a ao cabo! Hoje soará em Toledo o grito de guerra contra o condestavel.

— E hoje, respondei o santo, soará em Toledo canticos de paz por D. João II.

— Vós, moribundo, atrever-vos-heis a sahir a prégar?

— Sim, meu filho!

— Como, se vos não podeis mover?

— Ohai! exclamou Vicente, levantando-se presto e dirigindo-se á porta com passo firme... Hei de viver para salvar o reino das calamidades que o ameaçam... Hei de conseguir, abordado ao baculo, atravessar os povoados e levar a paz até onde chegue o vosso brado de guerra.

— E triumphareis, padre?

— Hei de triumphar, porque lhes fallarei as palavras da lei. Dir-lhes-hei que a guerra de um vassallo contra o seu rei, de um povo con-

tra o throno, é iniqua. Apresentar-lhes-hei o filho vencido e carregado de cadeias, e condemnado á morte por seu proprio pai...

— Morrerei satisfeito; acudiu D. Henrique.

O missionario proseguiu, animando-se gradualmente.

— Hei de triumphar, porque lhes fallarei a palavra de Deus. Dir-lhes-hei que a guerra de um filho contra seu pai é infernal. Apresentar-lhes-hei o quadro da batalha do filho contra o pai, do filho vencedor cravando o ferro no peito do que lhe havia dado o ser...

D. Henrique empallideceu.

Vicente, abrasado em santa ira, proseguiu:

— Hei de triumphar, porque lhes farei ver a imagem do pai morrendo ensanguentado, e o filho manchado de sangue, arrabandando-lhe a corça. O pai morto, estendido no chão, e o filho cantando o hymno da victoria sobre o seu cadaver.

— Padre, exclamou D. Henrique pondo as mãos, e calindo de joelhos, padre, perdão!

Porém o santo não o attendia; tinha as faces incendiadas; schispeavão-lhe os olhos; os labios, antes seccos e asperos, vibravão agora doces como as cordas de uma harpa, exhalando harmoniosos sons. A voz foi-se-lhe levantando como quando a fazia reboar pelas augustas abobadas dos templos, e a triste estancia estremeceu como os canudos de um órgão pulsado com firmeza.

Fallou com solemnidade, com ternura, com indignação, com rugos, com ameaças, e fallou largo tempo sem esmorecer, até que o príncipe, pallido, atterrádo, afogado pelas lagrimas, repetiu cem vezes o brado: perdão.

— Príncipe, disse assim o santo, represando a impetuosa torrente da sua eloquencia. Eu não sou mais que um servo de Deus; não é a mim que deveis dirigir-vos: levantai os olhos para o céu, proseguiu travando da mão do príncipe com uma força nervosa, e arrastando-o para a janella.

O sol, prestes a sumir-se, rasgára o negro véo da nebrina e retingia as aguas do Tejo de uma luz vermelha e sinistra. O príncipe, tomado de terror religioso, levantou ao céu os olhos arrasados de lagrimas, e orou com fervor.

— Levantai-vos, disse o santo. E' sincero o vosso arrependimento, e Deus vos ha perdoado. Eu vos abençoou em seu nome. Tendes um coração generoso. Um coração que resistiu á idéa de ser vencido, e que não pôde resistir á de ser vencedor de seu pai. Ide rennir-vos com S. A., acudido pela mais pungente dor, e que deseja vêr-vos e abençoar-vos.

Beijou D. Henrique a mão do santo, e no dia seguinte partiu para as Extremaduras.

Do coração deste tão perverso príncipe, só Vicente Ferrer conseguira fazer brotar um rasgo de virtude, passageiro infelizmente!

(Continúa.)

POESIA.

A MORTE DE JUDAS.

Que lubregue silencio e paz sinistra
Respirão de Siam os ermos valles !
Que sombria mudez, que triste aspecto
Se lhe estampa no solo e no horizonte !
Parece em luto amargurada a terra,
Afflicto o céo, e a natureza morta.

É a calma solenne que precede,
Que annuncia, que traz a tempestade,
Como o relampago annuncia o raio,
Como annuncia negro fumo a chamma.
Não tardas, ó rainha pavorosa
Do deserto, do mar, do céo, do espaço,
Não tardas, o procella, nestes serros
A desatar soberba os teus furores.

Eil-a, chegou, a tempestade, a aguia
Que devora n'um vôo espaço immenso,
As azas membranosas estendendo
Sobre o vasto horizonte enegrecido ;
Eil-a, qual féra que sahio dos antros,
Ululando furiosa em toda a parte.

Ruge o vento, uiva o mar, o céo fusila,
Os elementos conturbados luctão,
Lascão-se os troncos dos gigantes cedros,
Que scintillante raio, accende, abraza ;
O solo fumegante abre cem boccas
Donde mil chammas enoveladas surgem :
Vê-se em tudo na terra e céo impresso
Da cholera divina o fatal sello.

Quem affronta, porém, a negra furia
Do vendaval desfeito ? que vulto é esse,
Que de rosto sereno e firme planta
O furor da tormenta desafia,

Atravessando só, calado e triste,
Os valles, as montanhas, as torrentes !
Qual é, qual é o ouzado que assim zomba
Do poder do Senhor e da procella ?

Eil-o prosegue seu caminho ávante,
Nada lhe embarga o resolute passo,
Eil-o que chega ao alto da montanha,
Onde um tronco despido só vegeta,
Abraça-o consternado, e dura corda,
Que prende ao collo seu, depois lhe lança.

Infeliz ! quem será ? vai dar-se a morte
O miserô que vêdes... já não tarda
Que pendente vejas daquelle tronco,
Inerte e frio, inanimado corpo.
Desesperou da existencia o desgraçado,
Seus tormentos crueis soffrer não pode ;
Coitado, é infeliz, chora-lhe a sorte,
Que todo o infeliz merece o pranto !

Não, não choreis... aquelle vulto é Judas,
Discipulo traidor do Deus na terra ;
Lave seu sangue o sangue precioso
Que brotou do Calvario em ondas santas ;
Não, não choreis... seu delicto immenso
Immensa punição tambem merece !

E debalde gemeu, orou debalde
A supplicante dextra a Deus erguendo
O seu anjo da guarda, anjo formoso
Que os olhos, côr do céo, afoa em pranto,
Orou, gemeu debalde, que tal crime,
Embora seja Deus clemencia infusa,
Nem o pôde esquecer a divindade,
Nem basta a castigal-o o proprio inferno !

A. Lima.

O CONDESCENDENTE.

(Continuado do n.º 15.)

IV.

São passados mais de dous annos ; estou na
risonha provincia do Algarve. Absorto em não

sei que pensamentos, eu caminhava de Faro
para Silves, isto é, da moderna capital da pro-
vincia, para a antiga capital do reino. O so-
dava já quasi a prumo sobre nossas cabeças,

quando resolvi passar a calma debaixo de uma frondosa *farroqueira*.

O castello de Paderne desenhava-se lá ao longe no horizonte, suas velhas muralhas meio derrocadas, attestão a passagem de muitos seculos, a sua decrepitude infunde respeito. E é verdade pensava eu mirando de face esse enorme montão de pedras, de quantas gerações não tem sido testemunha isso que agora não é mais que desmornamentos! Quantos feitos d'armas, e quanta coragem não presenciarão essas antigas ceteiras, já quase em completa destruição?... D. Paio! valente e ouzado guerreiro, quantas vezes não experimentastes o ardor dos teus denodados cavalheiros contra essas muralhas então guarnecidas de agarenos, e onde tu plantaste gloriosa a cruz de S. Thiago! E quantas vezes os ferros de christãos e mouros não se crusarão nas campinas destes arredores?... Quanto nos illude a fortaleza! pensámos que uma muralha, uma forte parede, uma estalua, hade passar muitos tempos afrontando os seculos, e não nos lembramos que muitos seculos são apenas momentos, comparados com a eternidade.... Este pensamento me contristou, eu me lembrei dessas soberbas cidades que successivamente têm desaparecido da face do globo, e me lembrei tambem da sorte e do fim que um dia hade ter Lisboa, Paris, Londres e todas as cidades que ao dia de hoje são florescentes e populosas.... taes são as cousas deste mundo, taes são os incompreensíveis decretos da Providencia.

O sol já decachou para outros paizes a quem elle já beneficiar com a sua luz, quando me resolvi a partir, fiz aproximar o cavallo e larguei.

Havia algum tempo que se dizia haverem apparecido salteadores nesta estrada, e se contavao não sei quantos casos assustadores, pela maior parte das vezes exaggerados. Eu pouca conta fazia de tal, porque sei que é preciso sempre dar desconto ás *tiás* que gostão de historias; contudo não gostava que a noite me sorprendesse no caminho, portanto apreciei o cavallo, visto que a lua era já minha companheira.

Antes de chegar a um sitio chamado Nora, a estrada faz a meia-volta de um serro e desce para uma pequena ponte. Hiamos já na descida, quando o meu creado me avisou de que na ponte havia alguem que se estendera ao longo do barbacã para se encubrir com a sua sombra. Pai-re, e fiz gritar pelo rapaz que viessem a falla, a resposta foi um tiro que varou o meu cavallo pelos peitos, de fórma tal que o estendeu em terra morto, e com tanta rapidez que fui arrastado na queda. Ao mesmo tempo seis homens se levantááo de um e outro lado do caminho, com as clavinas á cara, e nos proclamááo seus prisioneiros. Não houve mais remedio que *ceder*, e fomos conduzidos para onde estava o capitão.

Andámos para a direita da estrada e pelo matto mais de duas leguas. Eu estava já impaciente por chegar a algum sitio em que os meus guardas quizessem descançar, porque caminhavamos a pé. Não tardou muito que uma luz não começasse a brilhar lá ao longe; então um dos da escolta tirandó o cachimbo da boca

exclamou com toda a gravidade de um camarrista: — Além é.

Chegámos ali a final; era uma casa abandonada, construida juntamente com as muralhas do castello de Paderne, onde os bandidos aquella noite tiplião feito seu quartel-general: do logar por onde passei, divisei mais alguns, e vi o signal de reconhecimento dos diferentes vigias.

Fui encerrado em um quarto com sentinella á vista, e passado algum tempo entrou um dos salteadores impondo-me o preço do meu resgate: respondi que era impossivel satisfazel-o, visto que me haviam tirado tudo até o meu relógio: responderão-me que podia despedir o meu criado com alguma carta a alguem que me enviasse o que se pedia, accrescentando que a ordem da associação mandava serem fuzilados todos os prisioneiros que se não resgatassem dentro de vinte quatro horas.

A fallar a verdade não achei muita graça nesse artigo do codigo da associação, e portanto não me demorei em pedir tinta e papel para escrever. Vierão trazer-me o que pedia, e o meu criado foi despachado, ficando eu só com o meu sentinella; que, provavelmente para se distrahir do aborrecimento que lhe causava a minha companhia, repetidas vezes bebia da sua aguardente que trazia pendurada ao tiracól em uma moringue de barro, e fumava o seu cachimbo que elle bastantes vezes encheu de tabaco. Entretanto eu passejava pelo quarto esperando com impaciencia a volta do moço, e com ella o meu resgate.

Intentei algumas vezes abrir conversação com o meu guarda; disse-lhe que muito me admirava não ter sido apresentado a alguem: o salteador só se contentou com responder-me seccamente: — Não tem precisão. Fiz-lhe ainda mais algumas perguntas a que elle me respondia umas vezes encolhendo os ombros, e a muito custa pronunciava um *sim* ou um *não*. Mas a final não sei se pelos effeitos da repetição das provas do moringue, ou se por outro qualquer motivo, o certo é que elle me disse por fim que o capitão que os commandava era um homem muito valente, e que nada perdoava; ainda mesmo aos da associação!... Dando-me a entender que era um tyranno.

— Libertai-vos desse jugo e vinde commigo, lhe disse eu, eu tenho amigos e facilmente poderei fazer com que as vossas culpas sejam perdoadas, contanto que vos emendeis para o futuro.

— Isso é impossivel, me tornou elle, quereis saber o que aconteceu a semana passada?... Aqui o bandido interrompeu-se, olhou inquieto em torno de si, e depois abaixando um pouco mais a voz continuou: — A semana passada aprisionamos uma mulher, ella estava para resgatar assim como vós, mas quiz fugir com o seu guarda; o capitão soube, entrou no quarto, e pela sua propria mão os matou a ambos.... Eu mesmo já fui por elle ferido, vedes? continuou elle regaçando a camisa e mostrando-me uma cicatriz no braço esquerdo: esta costura foi uma punhalada que elle me passou, porque eu me compadecei o outro dia de um rapazinh,

ainda muito novo, e que foi fuzilado porque se não pôde resgatar.

— Então é impossível sahir das mãos desse barbaço?

— Barbáro! me tornou o bandido com voz alta e com orgulho; elle se faz estas cousas é para bem da associação.

Eu calei-me, via bem que as esperanças só estavam no resgate, nada mais tinha a esperar; só pedia a Deus que elles recebendo o preço que me haviam pedido, me deixassem ir. No entanto o tempo ia correndo, eu já estava no cume da impaciência; o dia tinha voltado, e a minha sentinella havia sido vendida umas poucas de vezes; a ainda me faltavam perto de dez horas, é verdade; mas eu as sentia correr com uma velocidade espantosa: apezar de tudo, o somno chegou enfim, e eu adormeci em um canto da casa.

Serão duas horas da tarde, quando me vierão chamar, era o meu criado com cuja fidelidade eu sempre contei, que se achava de volta com o dinheiro que eu havia mandado pedir. Leváram-me então a presença do terrível capitão. É' impossível descrever o meu assombro, quando nessa léra reconheci..... Fernando!

Elle tinha a barba toda crescida, as suas feições tinham adquirido os signaes de uma atrocidade horrível, seus olhos ferozes como os de um tigre parecião devorar a victima; era um homem malvado. Elle tambem me reconheceu, e dando uma ostonhosa gargalhada, exclamou: — Olhem este pobre diabo onde veio cahir! Conheci que nenhuma recordação agradável lhe tinha suscitado a minha presença, e portanto conservei-me calado. Elle me tornou a dirigir a palavra. — Ainda és amigo dos homens? Fiz um signal affirmativo. Os olhos de Fernando se tingirão de uma cor rubra, seus labios tremião pelos effeitos da colera que delle se apossou com a minha resposta, seus cabellos e sua barba se irriçarão como, as sedas de um javardo. A pouco e pouco foi acalmando-se sem dizer palavra, o seu vermelho afogueado desvaneceu-se um pouco, a colera tinha-lhe passado.

— Tendes razão em parte, me disse elle a final, vós não tendes sido por elles desfeitoado.

— Não tenho sido, dizeis vós? pois olhai que vos enganais, eu tenho delles muitas offensas; mas perdou-lhes para que Deus me perdoe.

Fernando tinha tornado ao seu estado de colera assustadora, e olhando-me com despreso, me disse gritando:

— Como então; sois tão miseravel que vos não resentis das offensas que vos fazem? Acaso será preciso ferirem-vos na cara, assim como vos ferem na alma, ou nem assim mesmo sentireis?

— Não, eu sinto de todas as maneiras; mas conheço que é preciso perdão neste mundo para o obter no outro.

— Ah! me torna elle com as suas beaticas, quereis apurar-me por todos os lados!... Mas apezar de tudo, continuou passados alguns instantes e, com voz que se esforçava por tornar

brande; vós fosteis o unico que de mim se compadeceu... será acaso que eu em toda a minha vida só encontrasse um homem bom, uma pessoa justa!...

— Não, vós teréis certamente encontrado muitas, mas é que nem livesteis com essas pessoas longo trato, nem vos valesteis dellas quando tinheis precisão.

— Não digais tal, me tornou elle gritando, não tive a patetice de estimar?... não abriguei eu, e não soccorri esse moço que primeiro correu para a minha desgraça?... Oh! vós gentes deste mundo, todos sois assim.

— Vossa mulher morreu arrependida.

— Morreu... ella morreu? Ah! diabo que sou mas feliz do que cuidava... ella morreu... ella morreu... ella morreu. E o capitão de bandidos rio quasi até rebentar, saltou, bailando e cantarelhando uma canção de saltadores; depois parou, bradou pela sua gente, ordenou que aquelle dia fosse um dia de festa, mandou dar vinho e fez quantas extravagancias imaginar-se podem; depois olhando para mim como se ainda me não tivesse visto, me cumprimentou respectivamente dizendo-me ao mesmo tempo:

— Hoje estou com uma alegria que vos não posso explicar, quero rir e que todos rião... o que desejas vós?

— Que recebalis o meu resgate e me deixeis ir. — Tendes razão, mas eu queria cá com vosco!... diabo! então sempre quereis marchar?

— O meu gosto seria lejar-vos em minha companhia, e que tornasseis á vida de outro tempo.

— Para me entregares ao verdugo, accrescentou elle, pegando-me com uma mão e com a outra apontando-me uma pistola: sois um malvado; e eu ainda tenho tanta bondade que vos não mato!... ide-vos daqui, ide, e dizei aos vossos companheiros de lá que eu cá os espero.

Sahi effectivamente e muito pezaroso de encontrar aquelle homem em uma vida tão infame. Soube passado algum tempo que elle, ficando em Evora ainda doente quando a divisão sahiu, assim que se restabeleceu de todo se offereceu para o serviço da Junta: que tendo mudado de partido, e tendo o que novamente abraçara sido vencido, fóra desligado; que sem meios e abandonado dos homens, chegára ao maior auge de desespero a ponto de se tornar no que estava.

Passados pouco mais de tres mezes, depois do meu encontro com os bandidos, eu li em um jornal de Lisboa o seguinte:

« Hontem pelas 11 horas do dia foi justiciao no cães do Tojo o celebre Fernando de.... famoso saltador que infestava, havia mezes, as estradas do Alemtejo e Algarve..... »

Eis aqui a final no que vem a dar as demasiadas exigencias de uma mulher, e a muita condescendencia de um homem.

VARIÉDADES.

Barbaridades.

Cachan rei dos Avaros (na Tartaria) atacava uma cidade da Lombardia que Gesulpho defendia o melhor possível: este príncipe tendo sido morto, Romilde sua mulher, offereceu a Cachan entregar-se contanto que consentisse em desposar-a. O bárbaro accetou a condição, e Romilde passou com elle a primeira noite destas nupcias precipitadas, porém no dia seguinte doze Avaros se apoderarão della e a empalarão por ordem do rei.

Clotário I, perseguindo seu filho Chramones, que se tinha contra elle revoltado, o apanhou enfim na choupana de um camponez, onde se tinha escondido. Ali Clotário o estendeu n'um sobre um banco e o fez morrer a açoutes: depois lançou fogo á cabana, tendo antes feito nella encerrar a mulher e os filhos de Chramones.

Uma jovem e bella rapariga, que Clovis filho mais velho de Chilperico idolatrava foi accusada de feitiçeria e empalada diante da tenda do seu amante por ordem da infame Fredegonda. A mãe desta rapariga foi queimada como magica, e Clovis tendo ouzado queixar-se algum tanto amargamente das crueldades da rainha Fredegonda o fez apunhalar.

AGRADECIMENTO MINISTERIAL.

Alguns dias antes do attentado de Damiens sobre a pessoa de Luiz XV, um Lionez que voltava para o seu paiz, pernouteu em uma estalagem, onde ouviu atravez de uma tabique, todo o trama formado contra o rei. Este honrado homem immediatamente voltou atraz, ganhou Versailles a toda a pressa, revelou ao primeiro ministro tudo quanto tinha ouvido, e logo tornou a seguir a sua viagem porque negocios o chamavão á sua familia.

O ministro despresou este aviso, e a 5 de Janeiro de 1757 Luiz XV foi ferido por Damiens com uma faca que quasi lhe tirou a vida. O ministro lembrou-se então das revelações do Lionez, temeu que lhe exprobrassem o tel-as despresado, mandou em seguimento deste homem que ainda não se achava longe, e o fez encerrar na Bastilha!...

Em recompensa do serviço que quizera prestar ao Estado, este desgraçado passou uma penivel existencia naquella prisão pelo espaço de 32 annos, e só recobrou a liberdade a 14 de Julho de 1789, sem que jámais tivesse sabido o motivo porque se achava na Bastilha!...

ATROCIDADE E SERVILISMO.

Um dos favoritos de Cambysses lhe observava que bebendo com excesso, como todos os dias fazia, atramirria o odio dos seus povos. « Quero te mostrar, respondeu Cambysses, que o vinho não me tira nem o juizo nem a destreza. » Para este fim embebedou-se bem, mandou depois vir o filho do indiscreto favorito, fê-lo atar a uma arvore, e dirigido-se ao pai. « Se nao atravessar o coração de teu filho com esta flecha, lhe diz elle, teras razão em dizer que faço mal em beber muito » atirou ao menino, e fazendo-o abrir achou-se que lhe tinha atravessado o coração. O favorito, esquecendo entao a sua dor, poz-se a louvar a destreza do vil despota.

Maximas e Pensamentos.

A belleza é uma harmonia, qualquer que seja o seu objecto.

Sêde benefeitores ainda com o risco de fazer ingratos: a genuina beneficencia eseuja e dispensa a gratidão.

Quando o amor nos visita a amizade se despede.

Os homens de bem perdem e se empobrecem nos mesmos empregos em que os viciados ganham e se enriquecem.

Avistamos a Deus em toda a parte, mas não o comprehendemos em nenhuma.

Desapaixonados damos bons conselhos, apaixonados os olvidamos.

A innocencia é transparente, a malicia opaca e tenebrosa.

A resistencia enfraquece, a resignação fortalece.

M. de Marica.

A charada do n.º passado é: *Fementida.*

Acompanha este n.º 14 uma estampa com figurino de baile e de estar em casa.

